

Aquele que diz sim e
Aquele que diz não

Óperas escolares

Der Jasager und Der Neinsager
Schulopern

Escrito em 1929/30

Estréia: 23.6.1930 em Berlim

Tradução: Luis Antônio Martinez Corrêa e
Marshall Netherland

Colaboração: Paulo César Souza

Baseada na adaptação inglesa de Arthur Waley do 'Nō' japonês "Taniko".

Colaboradores: E. Hauptmann, K. Weill

PERSONAGENS

- O PROFESSOR
- O MENINO
- A MÃE
- OS TRÊS ESTUDANTES
- O GRANDE CORO

AQUELE QUE DIZ SIM

1

O GRANDE CORO — O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.

Muitos dizem sim, mas sem estar de acordo.

Muitos não são consultados, e muitos

Estão de acordo com o erro. Por isso:

O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.

O *professor está no plano 1; a mãe e o menino, no plano 2.*

O PROFESSOR — Eu sou o professor. Eu tenho uma escola na cidade e tenho um aluno cujo pai morreu. Ele só tem a mãe, que cuida dele. Agora, eu vou até a casa deles para me despedir, porque estou de partida para uma viagem às montanhas. É que surgiu uma epidemia entre nós, e na cidade, além das montanhas, moram alguns grandes médicos.

Bate na porta. Posso entrar?

O MENINO *passando do plano 2 para o plano 1* — Quem é?
Oh, o professor está aqui! O professor veio nos visitar!

O PROFESSOR — Por que faz tanto tempo que você não vai à escola na cidade?

O MENINO — Eu não podia ir porque minha mãe ficou doente.

O PROFESSOR — Eu não sabia que ela também estava doente.
Por favor, vá logo dizer a ela que eu estou aqui.

O MENINO *grita em direção ao plano 2* — Mamãe, o professor está aqui.

A MÃE *sentada no plano 2* — Mande entrar.

O MENINO — Entre, por favor.

Os dois entram no plano 2.

O PROFESSOR — Faz muito tempo que eu não venho aqui. Seu filho diz que a senhora também ficou doente. Está melhor agora?

A MÃE — Infelizmente não estou nada melhor, já que até agora não se conhece nenhum remédio para essa doença.

O PROFESSOR — A gente tem que descobrir alguma coisa. Por isso eu vim me despedir de vocês: amanhã eu vou partir para uma viagem através das montanhas em busca de remédios e instruções. Porque na cidade, além das montanhas, moram os grandes médicos.

A MÃE — Uma caravana de socorro nas montanhas! É verdade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá, mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa. O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR — Numa viagem como esta não se levam crianças.

A MÃE — Bom, espero que o senhor volte com saúde.

O PROFESSOR — Agora eu tenho que ir embora. Adeus.

Sai para o plano 1.

O MENINO *seguindo o professor, no plano 1* — Eu tenho que dizer uma coisa.

A mãe escuta à porta.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu quero ir com o senhor para as montanhas.

O PROFESSOR — Como eu já disse à sua mãe,
É uma viagem difícil e
Perigosa. Você não
Vai conseguir nos acompanhar. Além disso:
Como você pode querer abandonar
Sua mãe, que está doente?
Fique. É absolutamente
Impossível você vir conosco.

O MENINO — É porque minha mãe está doente que
Eu quero ir com você, para
Buscar para ela remédios e instruções
Com os grandes médicos, na cidade além das montanhas.

O PROFESSOR — Eu tenho que falar com sua mãe novamente.

Ele volta ao plano 2. O menino escuta à porta.

O PROFESSOR — Estou aqui de novo. Seu filho diz que quer vir conosco. Eu expliquei que ele não poderia deixar a senhora sozinha e doente e que, além disso, é uma viagem difícil e perigosa. É absolutamente impossível você vir conosco, eu lhe disse. Mas ele respondeu que tem que ir à cidade, além das montanhas, buscar remédios e instruções para a sua doença.

A MÃE — Eu ouvi suas palavras. E não duvido do que o menino diz — que ele gostaria de fazer a caminhada perigosa com o senhor. Meu filho, venha cá.

O menino entra no plano 2.

Desde o dia em que
Seu pai nos deixou,
Eu não tenho ninguém
A não ser você ao meu lado.
Você nunca saiu
De minha vista nem do meu pensamento
Por mais tempo que eu precisasse
Para fazer sua comida,
Arrumar suas roupas e
Ganhar dinheiro.

O MENINO — É como a senhora diz. Mas apesar disso nada vai poder me desviar do que eu pretendo.

O MENINO, A MÃE E O PROFESSOR — Eu vou (ele vai) fazer a perigosa caminhada
E buscar remédios e instruções
Para a sua (a minha) doença,
Na cidade além das montanhas.

- O GRANDE CORO — Eles viram que nenhum argumento
Podia demovê-lo.
Então o professor e a sua mãe disseram
Numa só voz:
- O PROFESSOR E A MÃE — Muitos estão de acordo com o erro,
mas ele
Não está de acordo com a doença, e sim
Em acabar com a doença.
- O GRANDE CORO — A mãe ainda disse:
- A MÃE — Eu já não tenho mais forças.
Se assim tem que ser,
Vá com o professor,
Mas volte logo.

2

- O GRANDE CORO — As pessoas começaram a viagem
Para as montanhas.
Entre elas estavam o professor
E o menino.
Mas o menino não podia suportar tanto esforço:
Ele forçou demais seu coração,
Que pedia retorno imediato.
Na alvorada, ao pé das montanhas,
Ele quase não conseguia mais
Arrastar seus pés cansados.

Entram no plano 1: o professor, os três estudantes e, por último, o menino trazendo um cantil.

- O PROFESSOR — A subida foi rápida. Lá está a primeira cabana. Lá nós vamos parar um pouco.
- OS TRÊS ESTUDANTES — Nós obedecemos.

Eles sobem num estrado no plano 2. O menino detém o professor.

- O MENINO — Eu tenho que dizer uma coisa.
- O PROFESSOR — O que é?
- O MENINO — Eu não me sinto bem.
- O PROFESSOR — Pare! Quem faz uma viagem como esta não pode dizer essas coisas. Talvez você esteja cansado por não estar acostumado a subir montanhas. Pare e descanse um pouco.

Ele sobe no estrado.

- OS TRÊS ESTUDANTES — Parece que o menino está cansado por causa da subida. Vamos perguntar ao professor.
- O GRANDE CORO — Sim. Perguntem!
- OS TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — Nós ouvimos que o menino está cansado por causa da subida. O que há com ele? Você está preocupado com ele?
- O PROFESSOR — Ele não está se sentindo bem, é só isso. Ele está só cansado por causa da subida.
- OS TRÊS ESTUDANTES — Então você não está preocupado com ele?

Longa pausa.

- OS TRÊS ESTUDANTES *entre eles* — Vocês ouviram?
- O professor disse
Que o menino está somente cansado por causa da subida.
Mas ele não está ficando com uma aparência muito estranha?
- Logo depois da cabana vem a passagem estreita.
Só se pode passar por ela
Agarrando-se à rocha com as duas mãos.
Tomara que ele não esteja doente,
Porque, se ele não puder continuar, nós vamos ter que
Deixar o menino aqui.

Eles gritam em direção ao plano 1, com as mãos em concha:

Você está doente? — Ele não responde. — Vamos perguntar ao professor.

Ao professor: Quando há pouco perguntamos pelo menino, você disse que ele estava simplesmente cansado por causa da subida, mas agora ele está com uma aparência muito estranha. Olhe, ele até está sentado.

○ PROFESSOR — Estou vendo que ele ficou doente. Tentem carregá-lo na passagem estreita.

OS TRÊS ESTUDANTES — Vamos tentar.

Os três estudantes tentam atravessar a "passagem estreita" carregando o menino. A "passagem estreita" deve ser construída pelos atores com estrados, cordas, cadeiras etc., de tal forma que os três estudantes possam passar sós, mas não carregando o menino.

OS TRÊS ESTUDANTES — Não podemos passar com ele e também não podemos ficar com ele. Aconteça o que acontecer, nós temos que continuar porque uma cidade inteira está esperando o remédio que nós viemos buscar. É terrível ter que dizer isto, mas, se ele não pode vir conosco, nós vamos ter que deixar o menino aqui, nas montanhas.

○ PROFESSOR — É verdade, talvez tenham que fazer isto. Eu não posso me opor a vocês. Mas eu acho justo que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. Meu coração tem pena dessa pessoa. Eu vou até ele e, com o maior cuidado, vou prepará-lo para o seu destino.

OS TRÊS ESTUDANTES — Faça isso, por favor.

Eles se colocam frente a frente.

OS TRÊS ESTUDANTES E O GRANDE CORO — Nós vamos lhe perguntar (eles lhe perguntaram) se ele quer que se volte (que voltem) por sua causa. Porém, mesmo se ele quiser, Nós não vamos (eles não iam) voltar, E sim deixá-lo aqui e continuar.

○ PROFESSOR, *que foi até o menino no plano 1* — Presta atenção! Como você ficou doente e não pode continuar, vamos ter que deixar você aqui. Mas é justo que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. E o costume exige que aquele que ficou doente responda: vocês não devem voltar.

○ MENINO — Eu compreendo.

○ PROFESSOR — Você exige que se volte por sua causa?

○ MENINO — Vocês não devem voltar!

○ PROFESSOR — Então você está de acordo em ser deixado aqui?

○ MENINO — Eu quero pensar. *Pausa para reflexão.* Sim, eu estou de acordo.

○ PROFESSOR *grita em direção ao plano 2* — Ele respondeu conforme a necessidade!

○ GRANDE CORO E OS TRÊS ESTUDANTES *no momento em que os três estudantes descem ao plano 1* — Ele disse sim. Continuem!

Os três estudantes param.

○ PROFESSOR — Agora continuem, não parem, Porque vocês decidiram continuar.

Os três estudantes não se movem.

○ MENINO — Eu quero dizer uma coisa: eu peço que não me deixem aqui, e sim me joguem no vale, porque eu tenho medo de morrer sozinho.

OS TRÊS ESTUDANTES — Nós não podemos fazer isso.

○ MENINO — Pare! Eu exijo.

○ PROFESSOR — Vocês decidiram continuar e deixá-lo aqui. É fácil decidir o seu destino, Mas difícil executá-lo. Estão prontos para jogá-lo no vale?

OS TRÊS ESTUDANTES — Sim.

Os três estudantes levam o menino para o estrado no plano 2.

Encoste a cabeça em nossos braços.
Não faça força.
Nós levamos você com cuidado.

Os três estudantes colocam o menino na parte posterior do estrado e, de pé a sua frente, escondem-no do público.

O MENINO *invisível* — Eu sabia muito bem que nesta viagem
Arriscava perder minha vida.
Foi pensando em minha mãe
Que me fez a partir.
Tomem meu cantil,
Ponham o remédio nele
E levem para minha mãe,
Quando vocês voltarem.

O GRANDE CORO — Então os amigos pegaram o cantil
E deploraram os tristes caminhos do mundo
E suas duras leis amargas,
E jogaram o menino.
Pé com pé, um ao lado do outro,
Na beira do abismo,
De olhos fechados, eles jogaram o menino,
Nenhum mais culpado que o outro.
E jogaram pedaços de terra
E umas pedrinhas
Logo em seguida.

AQUELE QUE DIZ NÃO

1

O GRANDE CORO — O mais importante de tudo é aprender a
estar de acordo.
Muitos dizem sim, mas sem estar de acordo.
Muitos não são consultados, e muitos
Estão de acordo com o erro. Por isso:
O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.

O *professor está no plano 1; a mãe e o menino, no plano 2.*

O PROFESSOR — Eu sou o professor. Eu tenho uma escola na
cidade e tenho um aluno cujo pai morreu. Ele só tem
a mãe, que cuida dele. Agora, eu vou até a casa deles
para me despedir, porque estou de partida para uma via-
gem às montanhas. *Bate na porta.* Posso entrar?

O MENINO *passando do plano 2 para o plano 1* — Quem é?
Oh, o professor está aqui! O professor veio nos visitar!

O PROFESSOR — Por que faz tanto tempo que você não vai
à escola na cidade?

O MENINO — Eu não podia ir porque minha mãe ficou do-
ente.

O PROFESSOR — Eu não sabia. Por favor, vá logo dizer a ela
que eu estou aqui.

O MENINO *grita em direção ao plano 2* — Mamãe, o professor
está aqui.

A MÃE *sentada numa cadeira de madeira no plano 2* — Man-
de entrar.

O MENINO — Entre, por favor.

Os dois entram no plano 2.

O PROFESSOR — Faz muito tempo que eu não venho aqui.
Seu filho diz que a senhora tem estado doente. Está me-
lhor agora?

A MÃE — Não se preocupe com a minha doença, não há de ser nada.

O PROFESSOR — Fico contente de ouvir isto. Eu vim me despedir de vocês, porque amanhã eu estou de partida para as montanhas numa viagem de estudos, porque na cidade, além das montanhas, moram os grandes mestres.

A MÃE — Uma viagem de estudos nas montanhas! É verdade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá, mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa. O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR — Numa viagem como esta, não se levam crianças.

A MÃE — Bom, espero que o senhor volte com saúde.

O PROFESSOR — Agora eu tenho que ir embora. Adeus. *Sai para o plano 1.*

O MENINO *seguido o professor, no plano 1* — Eu tenho que dizer uma coisa.

A mãe escuta à porta.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu quero ir com o senhor para as montanhas.

O PROFESSOR — Como eu já disse à sua mãe,
É uma viagem difícil e
Perigosa. Você não
Vai conseguir nos acompanhar. Além disso:
Como você pode querer abandonar
Sua mãe, que está doente?
Fique. É absolutamente
Impossível você vir conosco.

O MENINO — É porque minha mãe está doente que
Eu quero ir com você, para
Buscar para ela remédios e instruções
Com os grandes médicos, na cidade além das montanhas.

O PROFESSOR — Mas você estaria de acordo com todos os imprevistos que lhe poderiam surgir durante a viagem?

O MENINO — Sim.

O PROFESSOR — Eu tenho que falar com sua mãe novamente.

Ele volta ao plano 2. O menino escuta à porta.

Estou aqui de novo. Seu filho diz que quer vir conosco. Eu expliquei que ele não poderia deixar a senhora sozinha e doente e que, além disso, é uma viagem difícil e perigosa. É absolutamente impossível você vir conosco, eu lhe disse. Mas ele respondeu que tem que ir à cidade, além das montanhas, buscar remédios e instruções para a sua doença.

A MÃE — Eu ouvi suas palavras. E não duvido do que o menino diz — que ele gostaria de fazer a caminhada perigosa com o senhor. Meu filho, venha cá.

O menino entra no plano 2.

Desde o dia em que
Seu pai nos deixou,
Eu não tenho ninguém
A não ser você do meu lado.
Você nunca saiu
De minha vista nem do meu pensamento
Por mais tempo que eu precisasse
Para fazer sua comida,
Arrumar suas roupas e
Ganhar dinheiro.

O MENINO — É como a senhora diz. Mas apesar disso nada vai poder me desviar do que eu pretendo.

O MENINO, A MÃE E O PROFESSOR — Eu vou (Ele vai) fazer
a perigosa caminhada
E buscar remédios e instruções
Para a sua (a minha) doença,
Na cidade além das montanhas.

O GRANDE CORO — Eles viram que nenhum argumento
Podia demovê-lo.

Então o professor e a mãe disseram
Numa só voz:

O PROFESSOR E A MÃE — Muitos estão de acordo com o erro,
mas ele
Não está de acordo com a doença, e sim
Em acabar com a doença.

O GRANDE CORO — A mãe ainda disse:

A MÃE — Eu já não tenho mais forças.
Se assim tem que ser,
Vá com o professor,
Mas volte logo.

2

O GRANDE CORO — As pessoas começaram a viagem
Para as montanhas.
Entre elas estavam o professor,
E o menino.
Mas o menino não podia suportar tanto esforço:
Ele forçou demais seu coração,
Que pedia retorno imediato.
Na alvorada, ao pé das montanhas,
Ele quase não conseguia mais
Arrastar seus pés cansados.

Entram no plano 1: o professor, os três estudantes e, por último, o menino trazendo um cantil.

O PROFESSOR — A subida foi rápida. Lá está a primeira cabana. Lá nós vamos parar um pouco.

OS TRÊS ESTUDANTES — Nós obedecemos.

Eles sobem num estrado do plano 2. O menino detém o professor.

O MENINO — Eu tenho que dizer uma coisa.

O PROFESSOR — O que é?

228

O MENINO — Eu não me sinto bem.

O PROFESSOR — Pare! Quem faz uma viagem como esta não pode dizer essas coisas. Talvez você esteja cansado por não estar acostumado a subir montanhas. Pare e descanse um pouco. *Ele sobe no estrado.*

OS TRÊS ESTUDANTES — Parece que o menino ficou doente por causa da subida. Vamos perguntar ao professor.

O GRANDE CORO — Sim. Perguntem!

OS TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — Nós ouvimos que o menino ficou doente por causa da subida. O que há com ele? Você está preocupado com ele?

O PROFESSOR — Ele não está se sentindo bem, é só isso. Ele está só cansado por causa da subida.

OS TRÊS ESTUDANTES — Então você não está preocupado com ele?

Longa pausa.

OS TRÊS ESTUDANTES *entre eles* — Vocês ouviram?

O professor disse
Que o menino está somente cansado por causa da subida.
Mas ele não está ficando com uma aparência estranha?
Logo depois da cabana vem a passagem estreita.
Só se pode passar por ela
Agarrando-se à rocha com as duas mãos.
Nós não podemos carregar ninguém.
Devemos então seguir o grande costume e
Jogar o menino no vale?

Eles gritam em direção ao plano 1, com as mãos em concha:

A subida da montanha lhe fez mal?

O MENINO — Não.

Vejam, eu estou em pé.

Eu não estaria sentado

Se estivesse doente?

229

Pausa. O menino senta-se.

OS TRÊS ESTUDANTES — Vamos falar com o professor. Mestre, quando há pouco perguntamos pelo menino, você disse que ele estava simplesmente cansado por causa da subida. Mas agora ele está com uma aparência muito estranha. Olhe, ele até está sentado. É terrível ter que dizer isto, mas há muito tempo reina um grande costume entre nós: aquele que não pode continuar será jogado no vale.

O PROFESSOR — Como, vocês querem jogar este menino no vale?

OS TRÊS ESTUDANTES — Sim. É a nossa intenção.

O PROFESSOR — É um grande costume. Eu não posso me opor a ele. Mas o grande costume também exige que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. Meu coração tem muita pena dessa pessoa. Eu vou até ele e, com o maior cuidado, vou lhe falar do grande costume.

OS TRÊS ESTUDANTES — Faça isso, por favor.

Eles se colocam frente a frente.

OS TRÊS ESTUDANTES E O GRANDE CORO — Nós vamos lhe perguntar (eles lhe perguntaram) se ele quer que se volte (que voltem) por sua causa. Porém, mesmo se ele quiser, Nós não vamos (eles não iam) voltar, E sim jogá-lo no vale.

O PROFESSOR, *que foi até o menino no plano 1* — Presta atenção! Há muito tempo existe a lei que aquele que fica doente numa viagem como esta tem que ser jogado no vale. A morte é imediata. Mas o costume também exige que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. E o costume exige que aquele que ficou doente responda: Vocês não devem voltar. Se eu estivesse em seu lugar, com que prazer eu morreria!

O MENINO — Eu compreendo.

O PROFESSOR — Você exige que se volte por sua causa? Ou está de acordo em ser jogado no vale como exige o grande costume?

O MENINO, *depois de um tempo de reflexão* — Não. Eu não estou de acordo.

O PROFESSOR *grita em direção ao plano 2* — Desçam até aqui. Ele não respondeu de acordo com o costume.

OS TRÊS ESTUDANTES *descendo em direção ao plano 1* — Ele disse não. *Ao menino:* Por que você não responde de acordo com o costume? Aquele que disse a, também tem que dizer b. Naquele tempo quando lhe perguntavam se você estaria de acordo com tudo que esta viagem poderia trazer, você respondeu que sim.

O MENINO — A resposta que eu dei foi falsa, mas a sua pergunta, mais falsa ainda. Aquele que diz a, não tem que dizer b. Ele também pode reconhecer que a era falso. Eu queria buscar remédio para minha mãe, mas agora eu também fiquei doente, e, assim, isto não é mais possível. E diante desta nova situação, quero voltar imediatamente. E eu peço a vocês que também voltem e me levem para casa. Seus estudos podem muito bem esperar. E se há alguma coisa a aprender lá, o que eu espero, só poderia ser que, em nossa situação, nós temos que voltar. E quanto ao antigo grande costume, não vejo nele o menor sentido. Preciso é de um novo grande costume, que devemos introduzir imediatamente: o costume de refletir novamente diante de cada nova situação.

OS TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — O que fazer? O que o menino disse não é nada heróico, mas faz sentido.

O PROFESSOR — Eu deixo com vocês a decisão do que fazer. Mas tenho que lhes dizer uma coisa: se vocês voltarem, vão ser cobertos de zombaria e vergonha.

OS TRÊS ESTUDANTES — Não é vergonha ele falar a favor de si próprio?

O PROFESSOR — Não. Eu não vejo nisso nenhuma vergonha.

OS TRÊS ESTUDANTES — Então nós queremos voltar. Não vai ser a zombaria e não vai ser o desprezo que vão nos impedir de fazer o que é de bom senso, e não vai ser um antigo costume que vai nos impedir de aceitar uma idéia justa.

Encoste a cabeça em nossos braços.

Não faça força.

Nós levamos você com cuidado.

O GRANDE CORO — Assim os amigos levaram o amigo

E eles criaram um novo costume,

E uma nova lei,

E levaram o menino de volta.

Lado a lado, caminharam juntos

Ao encontro do desprezo,

Ao encontro da zombaria, de olhos abertos,

Nenhum mais covarde que o outro.

A decisão

Peça didática

Die Massnahme

Lehrstück

Escrito em 1929/30

Estréia: 13.12.1930 em Berlim

Tradução: Ingrid Dormien Koudela